

An abstract painting with bold, expressive brushstrokes in dark blue, black, yellow, and red. The composition is dynamic and textured, with a sense of movement and depth.

PRISTA MONTEIRO

o mito **E**naturalmente!
sempre!

IMPrensa NACIONAL - CASA DA MOEDA

PRISTA MONTEIRO



O MITO
e
NATURALMENTE! SEMPRE!

IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA

LISBOA 1988

O MITO

1980

2 ACTOS

La Mito

PEÇA VENCEDORA EX-ÆQUO,
DO PRÊMIO DO CÍRCULO DE CULTURA TEATRAL
TEATRO EXPERIMENTAL DO PORTO
1981

OTIM O

1980
2013

PEÇA VENCEDORA, EX-AEQUO,
DO PRÉMIO DO CÍRCULO DE CULTURA TEATRAL
TEATRO EXPERIMENTAL DO PORTO
1982

PERSONAGENS

Doente.

Hóspede.

Visita.

Afilhado.

Enfermeira.

Porteira.

Marido.

FUNDO MUSICAL

TEMA A: *Trechos de um dos poemas de «Canção da Terra»,
de Gustav Mahler.*

TEMA B: *Trechos de «Prelúdio e morte de Isolda» (III Acto),
de «Tristão e Isolda», de R. Wagner.*

TEMA C: *Fragmento da 4.ª Sinfonia
de Gustav Mahler.*

I ACTO

A cena está dividida em dois pequenos quartos, o Estúdio A, à direita, um pouco maior, e o Estúdio B, à esquerda. Encontram-se separados apenas por uma meia parede continuada à frente por um arco provido de um espesso reposteiro que interromperá a comunicação entre eles sempre que isso seja necessário.

Qualquer destes estúdios, modernos mas discretos, revelam uma desordem, não isenta de certo encanto que frequentemente se pode observar naquelas saletas que servem simultaneamente de gabinete de trabalho e de quarto de dormir geralmente a homens solteiros e artistas.

Tanto no da direita como no da esquerda as paredes estão cobertas por armários onde os livros se amontoam e por alguns bons quadros também colocados um tanto ao acaso. De resto, por toda a parte, chão, móveis, etc., se encontram pilhas de livros, revistas, telas, discos, etc.

O Estúdio A apresenta ao fundo uma larga janela, por cima da qual se encontra, neste momento, enrolado, um grande «écran». Para a sua frente, uma larga e bela secretária e entre esta e a janela uma cómoda cadeira de braços. Na parede da direita e perpendicular a ela, aberto, está um confortável sofá-cama, para pessoa só. No lado oposto, junto ao arco, um bonito «maple» em pele «tête de nègre». Além disto, todo o quarto está ainda atravancado pelos mais variados objectos, tais como aparelhagem sonora, colunas de estereofonia, mesinhas, banquetas, estante giratória, etc. Em cima da secretária o caos é idêntico: livros, rimas de papel, um pequeno gravador, «cassettes», máquina de escrever, um lindo frasco cheio de esferográficas, candeeiro e telefone com um longo fio de modo a servir os dois quartos. Do tecto, baixos, pendem dois conjuntos de «spotlights», que iluminarão selectivamente este gabinete.

O Estúdio B tem ao fundo uma pequena mas elegante secretária com a respectiva cadeira. Atrás desta, na parede, uma colorida tapeçaria de Lurçat. À direita está um armário-garrafeira-estante e a seu lado um «maple». Ao centro uma mesa redonda com jarra e flores e na esquerda baixa uma porta, atrás da qual se encontra um sofá-

-cama semelhante ao do outro quarto. Quanto ao resto, paredes e chão encontram-se igualmente repletos de livros, revistas, quadros, etc. Esta saleta será sempre escassamente iluminada pois apenas possui um candeeiro de secretária, cuja luz, contudo, é reforçada pela que recebe do gabinete contíguo. No início da acção ambos os estúdios têm todas as suas luzes acesas. O reposteiro está aberto. No quarto da direita, recostado no sofã-cama, está um homem de meia-idade, baixo, forte, cabelos grisalhos e de expressão abatida. Usa um elegante «robe de chambre» por cima do pijama e calça sapatos de quarto. A seu lado, à esquerda, no chão, por entre jornais caídos, uma garrafa de água e um copo. Está imóvel, em posição de total abandono, braços pendentes e olhos cerrados. Através do arco, dum para o outro lado, caminha hesitante outro homem, um pouco mais novo, alto, magro, de gestos um tanto indecisos. Ele vai carregando continuamente uma pilha de livros numa ansiosa e vã tentativa de dar uma certa arrumação a ambos os estúdios.

A tarde começa a cair.

O homem deitado será referido por Doente e o que caminha por Hóspede.

Algum tempo após a subida do pano e de alguns esforços silenciosos e inúteis do Hóspede, este detém-se, consulta ritualmente o seu relógio de bolso e diz para si próprio:

HÓSPEDE — Hum! Já cá devia... estar! *(Pausa. Recomeça a sua sisifiana tarefa tentando descobrir algum espaço onde arrumar os livros, que constantemente lhe vão escapando das mãos, voltando a espalhar-se pelo chão e que ele de novo, pacientemente, recolhe. A dada altura, porém, interrompe-se, entra no quarto da direita, pára, fixa por momentos o Doente e acaba por lhe dizer:)* Olha! *(Hesita.)* Vou fazer... o teu caldo.

DOENTE *(Abre os olhos num sorriso agradecido.)* — Bem!

(O Hóspede volta a hesitar. Depois despe o casaco, atira-o para o lado e inicia uma busca desordenada até encontrar um pequeno avental que coloca à cintura. Por fim atravessa o arco e retira-se pela porta da esquerda baixa. O Doente fica só e imóvel. Ao cabo de algum tempo o Hóspede volta, trazendo uma tijela de caldo. Coloca-a em cima duma pilha de livros ao lado do Doente.)

HÓSPEDE — Pronto! Aí tens. *(Fica-se a olhar o Doente, que agradece com um sorriso mas não se mexe. O Hóspede insiste:)* Deves... bebê-lo! Foi o que o médico disse. De hora a hora... *(O Doente não responde, sorri novamente e procura a mão do Hóspede, que contudo o evita. Por momentos olham-se, um terno, o outro retraído. Finalmente o Hóspede despe o avental e volta a pôr o casaco. Recomeça a sua tarefa. O Doente não tocou no caldo. Passado algum tempo, nova interrupção do Hóspede.)* Então!? *(Pausa. O Doente apenas sorri ternamente.)* Bem sabes que sem isso... eles não funcionam.

(O Doente estende-lhe as mãos, mas o Hóspede, fingindo que não vê, retoma a sua actividade. Momentos depois:) Hum! Devias... deitar-te. *(Pausa.)* Queres que te faça a cama? *(Novamente apenas um sorriso e uma lenta negativa de cabeça.)*

São horas! (*Sorriso do Doente. O Hóspede encolhe os ombros e volta ao seu trabalho. Logo a seguir detêm-se outra vez.*) Hum! Se calhar... é melhor falar à porteira. Não achas?

DOENTE (*Demorando a resposta.*) — Para quê?

HÓSPEDE — Tenho de sair!... Mais logo.

DOENTE — Tens?

HÓSPEDE — Sim, bem sabes. (*Pausa.*) Por causa da enfermeira. (*O outro não responde e o Hóspede recomeça a sua tarefa. Tempo depois:*) Ou preferes... que fale ao filho?

(*O Doente encolhe os ombros. O Hóspede volta ao seu trabalho. Daí a instantes consulta de novo o relógio e mal acaba de o fazer tocam à porta. Suspende-se, hesita e depois de fechar o reposteiro sai rapidamente pela esquerda baixa. Vozes «off». O Doente apaga os «spotlights». Fica acesa a luz da secretária. Acomoda-se melhor no sofá-cama e fecha os olhos. Entretanto no quarto da esquerda reaparece o Hóspede na companhia de outro homem. Será referido por «Visita». É sensivelmente da mesma idade, mas mais forte, pele curtida e ar decidido. A conversa entre eles iniciada em voz baixa sofrerá constantes variações de intensidade o que lhe conferirá um carácter fortemente ondulante, com frases algo sibilinas. O Hóspede parece agora menos tenso.*) Ainda bem! Oh! Ainda bem que vieste.

VISITA (*Seco.*) — Mas afinal... que é que se passa?

HÓSPEDE — Está doente. Muito doente.

VISITA — Mas que é que ele tem?

HÓSPEDE — Bom! Olha! Agora mesmo acabou de sair o médico...

VISITA (*Impaciente.*) — Dos rins... não? Outra vez!?

HÓSPEDE — Sim. Mas agora... Bom!...

VISITA — Agora o quê, homem!?

HÓSPEDE (*Hesitante.*) — O médico diz... Bem, falou... Diz que, se calhar... Bem, ainda vai ver, mas que naturalmente... ainda é capaz...

VISITA — Desembucha, homem!

HÓSPEDE — Bem! Ainda é capaz... Olha! Um enxerto!

VISITA — Um enxerto!? Eh! (*Pausa.*) Dum rim, claro!

HÓSPEDE — Pois! *(Pausa.)*

VISITA — Transplantar... um rim. Hem! *(Pausa.)* Mas então... e a idade?

HÓSPEDE — Apesar disso! *(Pausa.)* Se não!...

VISITA *(Com entendimento.)* — Se não!... *(Pausa.)*

HÓSPEDE — A hemodiálise... não está a resultar.

VISITA — Que-chum-ba-da! *(Senta-se. Acende um cigarro. O outro serve-lhe uma bebida.)*

HÓSPEDE — Foi por isso... *(Pausa.)*

VISITA — Mas... não haverá?... *(Pausa.)*

HÓSPEDE — Bem! Ele não disse. Só disse é que não vê outra solução. *(Pausa.)* E que o melhor... era nós irmos pensando...

VISITA — Pensando!? Nós!? Em quê?

HÓSPEDE *(Hesitante.)* — Bem!... Nós... nós é que temos de resolver. Naturalmente!

VISITA — Mas... resolver o quê?

HÓSPEDE — Bom!

VISITA — Bom o quê, homem?

HÓSPEDE *(Confundido.)* — Bem! Concretamente... concretamente também não sei. *(Pausa. Pigarreia e encorajando-se.)* Ele... ele só nos tem a nós.

VISITA *(Duro.)* — E então!?

HÓSPEDE — Então... então teremos de resolver isto... os dois. Fazer... qualquer coisa... *(Pausa. Depois mais hesitante:)* Tu... não achas?

VISITA — Mas fazer o quê?

HÓSPEDE — Bem... não sei. Não sei. *(Pausa. A Visita caminha nervosamente pelo gabinete. Depois subitamente.)*

VISITA — Ouve! Que queres tu que eu faça?

HÓSPEDE — Eu... eu também não sei. Bem... pensava...

VISITA — Diz!

HÓSPEDE (*Encorajando-se.*) — Eu... Bem! Para já... é preciso um rim. Sei lá!

VISITA — Um rim!? (*No estúdio ao lado o Doente agita-se no sofá.*)

HÓSPEDE — Sim! Que alguém lhe dê. Um!

VISITA — O quê!? Dar... um rim?

HÓSPEDE (*Timidamente.*) — Ssssim!... Isso... mesmo. Um rim.

VISITA — Essa agora!

HÓSPEDE — Então!?

VISITA — Mas... um rim!? (*Pausa.*)

HÓSPEDE — E o problema... é se pega.

VISITA — O quê!?

HÓSPEDE — Sim, se pega. Se ele... não rejeita.

VISITA — Rejeita!? Mas que é isso?

HÓSPEDE — Bom! Parece que às vezes o organismo... do doente... não se dá lá muito bem com uma peça que vem doutro organismo. Percebes?

VISITA — E então!?

HÓSPEDE — Então!... Olha, então não valeu a pena.

VISITA — O quê? Queres dizer... morre!? Então morre, não é? (*Silêncio.*) Ainda por cima hem! (*Pausa.*) Que chumbada! (*Pausa. Caminha devagar pela saleta.*) E naquela idade, hem!

HÓSPEDE — Sim!... Pois!... (*Pausa.*)

VISITA — Mas então... que queres fazer?

HÓSPEDE — Eu!? Eu... nada! Isto é, bem... temos de arranjar... alguém... (*Pausa.*)

VISITA — Bom! (*Pausa.*) Isso!... Será uma questão de massa, não é? (*Pausa.*) E se calhar... uma data dela. Bem, mas isso... eu ajudo claro. Se for preciso... que ele dever ter...

HÓSPEDE — Não, não! Não é nada disso.

VISITA — Não? Então... que mais há?